



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16438 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

RECURSOS SOCIOCOMUNICATIVOS UTILIZADOS POR BEBÊS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CRECHE

Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Tacyana Karla Gomes Ramos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

**TÍTULO DO ARTIGO: RECURSOS SOCIOCOMUNICATIVOS UTILIZADOS POR BEBÊS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA CRECHE**

**RESUMO:** Neste trabalho, temos como objetivo analisar os recursos comunicativos não verbais que o bebê utiliza para demonstrar sua participação social em atividades pedagógicas que lhes foram propostas. Os sujeitos da investigação são quinze crianças, com idades entre seis e vinte meses, integrantes do agrupamento etário denominado de berçário I de uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Aracaju/SE. Os dados foram produzidos na perspectiva etnográfica, através de fotografias, registros em notas de campos e descritos em situações interativas. A participação social das crianças foi observada durante seis atividades pedagógicas planejadas e dirigidas pela aluna pesquisadora, realizadas semanalmente. Verificamos que o recurso sociocomunicativo frequentemente utilizado pelos bebês para demonstrar seus interesses pelas propostas que lhes foram dirigidas foi o direcionamento do olhar, seguido do uso do corpo em movimentos, gestos, posturas, sorrisos e rápidas vocalizações. Embora a imitação seja considerada um recurso expressivo não verbal bastante utilizado por crianças, funcionando como contexto e veículo de apreensão de significados, ela foi pouco utilizada pelos bebês do berçário I. Os resultados se coadunam com dados de outras pesquisas que confirmam a potência sociocomunicativa dos bebês e desvelam seu protagonismo social nas (re)ações em que expressaram suas preferências ou rejeitaram as práticas pedagógicas que lhes foram dirigidas.

**Palavras-chave:** Bebês. Creche. Práticas Pedagógicas. Recursos Sociocomunicativos.

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos acerca das potencialidades educativas dos bebês vêm se consolidando ao longo das últimas décadas no Brasil. Os resultados de pesquisas das mais diferentes áreas, especialmente da Sociologia da Infância e da Psicologia

do Desenvolvimento, têm permitido considerar a criança como sujeito ativo, com diferentes capacidades sociocomunicativas para se relacionar, participar de eventos culturais, criar e recriar significados, mesmo sem ter a linguagem oral consolidada.

Ao trazer a perspectiva da criança, enquanto sujeito de direito, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) legitimam a presença desses sujeitos nas instituições educativas, pelos benefícios que essas experiências podem lhes proporcionar.

Assim, muito mais que uma extensão dos afazeres domésticos, o professor da Educação Infantil tem como premissa se valer de conhecimentos teóricos, metodológicos e relacionais que o permitam compartilhar, acolher, observar e escutar essas crianças. Buscando, por meio da interlocução entre teoria e prática, avaliar e adequar suas propostas considerando as necessidades e potencialidades dos bebês (Barbosa, 2010).

Diante desse contexto, este texto tem por objetivo analisar os recursos comunicativos não verbais que os bebês utilizam para demonstrar sua participação social em práticas pedagógicas planejadas, em uma creche localizada no município de Aracaju-SE. Considerando os modos de participação social dos bebês como foco deste estudo, as análises apresentadas neste trabalho priorizam reflexões sobre a importância das interações como um dos eixos constitutivos da Educação Infantil, além de reconhecer, por meio da descrição dos recursos sociocomunicativos, a potência dos bebês nas ações que lhe são propostas.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa em que os dados foram gerados tendo como inspiração a metodologia etnográfica (Delgado e Müller, 2008), através da observação participante, de fotografias, registros em diários de campos e descritos em situações interativas. A participação social das crianças foi observada durante seis atividades pedagógicas planejadas e dirigidas pela pesquisadora, realizadas semanalmente, na sala de referência dos bebês. Os sujeitos da investigação são quinze crianças, com idades entre seis e vinte meses, integrantes do agrupamento etário denominado de berçário I de uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Aracaju/SE.

De modo a captar os recursos sociocomunicativos utilizados pelos bebês durante as práticas pedagógicas, utilizou-se das fotografias como recurso

privilegiado para captar as ações das crianças. Após análises iniciais, reunimos as situações interativas para a análise, que foram também trianguladas com registros em diário de campo e descrição das situações interativas.

O uso da fotografia permitiu uma análise mais detalhada das interações que aconteciam durante as atividades propostas. Para Guimarães (2011, p. 107), “o ato de fotografar congela momentos, recorta o fluxo da história, constrói uma possível versão dela. O olho da câmera produz realidades diferentes das que o olho do pesquisador poderia capturar sozinho”.

Nesse sentido, a preocupação estava em utilizar um instrumento que expressasse da melhor forma as respostas das crianças às atividades, já que, por razão da idade, ainda não se expressam por meio de palavras e frases estruturadas.

Dessa forma, complementa Guimarães (2011, p.110 e 111) “a fotografia funciona como encontro entre não verbal e verbal, o que mostra como rico recurso na pesquisa com bebês que estão na fronteira entre a comunicação e a expressão pelo corpo e pelas sensações.

A construção dos registros fotográficos se deu a partir das relações estabelecidas com as crianças, entre elas e seus pares, e entre as crianças e os brinquedos disponíveis. Também foram efetuados registros de atividades individuais das crianças. As fotografias foram tiradas na sequência em que aconteciam as interações, a partir das atividades dirigidas às crianças. Dessa forma, foi se constituindo um banco de dados que permitiu que, posteriormente, agrupássemos as figuras em momentos que nomeamos como situações interativas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

As pesquisas mais recentes acrescentam o fato de que os bebês foram durante muito tempo considerados seres incapazes de realizar atividades planejadas pelo educador, cabendo a este apenas o cuidado às necessidades básicas como alimentação, higiene, saúde, etc. Entretanto, os estudos realizados a partir da perspectiva da Sociologia da Infância trouxeram um novo olhar sobre a criança e a sua infância na sociedade. A criança passa a ser vista como um ator social, cidadão com direitos e capacidade para exercê-los (Belloni, 2009).

A instituição de Educação infantil, como espaço educativo e de socialização

dos bebês, é apontada como um ambiente propício ao desenvolvimento de atividades pedagógicas em parceria com as crianças (Delgado e Muller, 2005). Nesse sentido, surge a necessidade de se analisar de que forma ocorre a organização dessas atividades e como se dá a participação dos bebês.

Nesse sentido, as interações são elementos bastante apontados nas pesquisas sobre crianças pequenas em ambientes pedagógicos (Ramos, 2006; 2010). Isso ocorre principalmente nos processos comunicativos, em que as crianças se utilizam de diferentes linguagens e interagem de diferentes maneiras (Elmor, 2009). A mediação do adulto, nesse caso, é reconhecida como fundamental no processo de construção de um ambiente socializador que respeite as “falas” dos bebês (Guimarães, 2011).

Pesquisadores (Elmor, 2009; Ramos, 2006; 2010, por exemplo) apontam para a necessidade de se observar e ouvir as crianças, porque mesmo antes da construção de uma comunicação verbal estruturada, elas já são capazes de expressar suas ações através de uma comunicação não verbal realizada por gestos, sorrisos, choros, etc.

Segundo Tristão (2005, p. 39), “as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil devem alfabetizar-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las”. Dessa forma, quanto mais a professora possibilitar momentos de interação e comunicação com/entre as crianças, maior qualidade terá o seu trabalho e, conseqüentemente, as ações pedagógicas serão mais bem compreendidas e aceitas por elas.

O aumento significativo de bebês em espaços de educação coletivos, revelam a necessidade de construir ambientes que permitam o atendimento qualificado aos bebês, considerando suas especificidades e potencialidades. Além disso, apesar de termos alcançado os marcos legais necessários para a efetivação da creche enquanto espaço educativo, ainda buscamos superar o estigma de creche enquanto instituição assistencialista e de guarda de crianças (Kuhlmann, Jr, 2015).

## **2.1 Resultados e discussões da pesquisa**

De modo a apresentar os resultados do estudo, dividimos os encontros sociais ocorridos por meio das interações entre pesquisadora e bebês em ações organizadas dentro de uma sequência temporal – que denominamos de **situações**

**interativas.** Neles, descrevemos as relações estabelecidas entre adulto e criança – com início e fim determinados pela pesquisadora (Pedrosa, 2005).

Diante dos dados, foram observados inúmeros recursos sociocomunicativos utilizados por bebês, nas diferentes atividades propostas. Com a seleção dos momentos, foi possível verificar que os bebês em questão se utilizavam frequentemente do direcionamento do olhar para se expressarem e o sorriso como meios de estabelecer interações sociais com seus interlocutores, sendo esses dois recursos sociocomunicativos utilizados por todos os bebês, ao longo das observações.

Em seguida, o uso do corpo foi bastante evidenciado por meio de movimentos como, nesta ordem: dirigir-se a alguém, apontar, estender pernas e braços, esticar o corpo, entregar o brinquedo para o adulto, segurar as mãos do adulto. Embora a imitação seja considerada um recurso expressivo não verbal bastante utilizado por crianças, funcionando como contexto e veículo de apreensão de significados, ela foi pouco utilizada pelos bebês durante os períodos de observação.

No que se refere ao olhar como veículo de comunicação, verificamos o que Guimarães (2011) identificou enquanto realizava uma pesquisa com bebês em creches públicas do Rio de Janeiro. Segundo a autora, os bebês buscam o adulto com o olhar para se sentirem seguros e, quando se sentem seguros, dirigem-se a eles através de expressões corporais, tais como movimentar-se, ir ao encontro do adulto quando solicitada e tocar o corpo do adulto, por exemplo. Além disso, a referida autora defende a importância da experiência do olhar como algo que fortalece os vínculos afetivos entre adulto e crianças.

Percebe-se, ainda, que os diálogos foram essencialmente mediados pelo direcionamento do olhar, quando o adulto se colocou na posição de parceiro da criança. Além disso, outros tipos de linguagem sustentaram as relações sociais entre bebês e adulto, como o toque, a imitação, a fala do adulto, os sorrisos e balbucios da criança. Dessa forma, mais uma vez, destaca-se a importância do olhar como elemento na comunicação entre os parceiros.

O direcionamento do olhar é uma forma de se transmitir sinais socialmente relevantes, comportamentos estes considerados não-verbais. O olhar não é considerado simplesmente visão. O olhar

sustentado geralmente indica interação social em potencial. Ao longo do primeiro ano de vida, é aprendido pelas crianças que a forma de olhar das outras pessoas costuma transmitir informações importantes e o contato ocular é uma ferramenta imprescindível para o estabelecimento da comunicação entre os seres humanos. (Elmôr, 2009, p. 27).

As crianças, em geral, costumam se interessar pelas movimentações sociais ocorridas na sala de referência e demonstram isso com olhares atentos. No entanto, não foi muito comum perceber a apropriação das educadoras em relação a esses momentos enquanto oportunidades de se relacionar com as crianças.

Além disso, presenciamos momentos de grande movimentação corporal das crianças, o que indica que as propostas planejadas para os bebês precisam considerar a necessidade intrínseca do movimento. Os bebês se comunicam de forma intensa com os adultos, expressando seus interesses e motivações: “é uma comunicação sem palavras, singular, em que o choro, o riso e o balbucio servem como meio de contato social, de comunicação difusa com outras pessoas” (Tristão, 2005, p.39).

O recurso comunicativo corporal utilizado pelos bebês em ocasiões interativas revela a concepção utilizada por pesquisadores que analisam a Sociologia do Corpo, como campo de estudo que defende o corpo enquanto expressão de sentimentos. Nesse sentido, o corpo é visto não só como uma dimensão biológica em si, mas como veículo de contato com o mundo e com o outro (Le Breton, 2009). Dessa forma, para o referido autor, os processos de apropriação do tempo e do espaço são constituídos a partir das movimentações corporais.

Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais implicando a adesão dos outros. (Idem, 2009, p. 8).

Assim sendo, as movimentações realizadas pelos bebês nos permite concordar com Le Breton (2009) ao afirmar que o corpo produz sentidos e insere o

sujeito ativamente em um determinado espaço social e cultural.

Na situação interativa descrita abaixo, é possível refletir sobre a importância do direcionamento do olhar e uso do corpo como meios de contato com o outro e que nos oportunizam algumas reflexões.

**Figura 1: Yasmin conversa com a aluna pesquisadora**



*A aluna pesquisadora para de conversar com Yasmin e dirige o olhar para outras crianças. Yasmin produz sons que orientam a atenção da aluna pesquisadora, que recomeça a conversar com a garota. Yasmin ri e chega perto da aluna pesquisadora, colocando a mão no rosto dela. (Diário de Campo)*

Nesta situação interativa, percebemos a iniciativa da criança em permanecer com o diálogo sem palavras. Enquanto a aluna pesquisadora observa as outras crianças que retornam do banho para os berços, Yasmin começa a balbuciar e, assim, chama a atenção da aluna pesquisadora, que se mostra socialmente responsiva e recomeça a interlocução com a garota. A troca de olhares e as conversas dirigidas à criança sustentam esse momento interativo. Yasmin sorri, balbucia, se apoia com um braço na posição de engatinhar, e com o outro toca o rosto da aluna pesquisadora, em resposta às investidas sociais da mesma.

Essa busca pelo contato físico com o adulto, apresentada por Yasmin a partir do toque no rosto da aluna pesquisadora, foi analisada por Guimarães (2011) em um estudo com bebês. A autora percebeu que a criança buscava primeiramente pelo olhar do adulto. Depois do olhar, quando já se sentia segura, a criança efetuava a ação corporal de ir ao encontro do adulto, seja por meio do pedido pelo colo, seja pelo toque. Assim, o contato físico passa a ser analisado como maneira de se sentir presente e buscar uma relação afetiva. Além disso, “trata-se de uma experiência de confirmação e acolhida, alimento para diálogos mediados pelo corpo e para explorações posteriores” (Guimarães, 2011, p. 183).

Diante de tudo isso, os resultados apontam para a diversidade e a riqueza dos tipos e das características de recursos sociocomunicativos que os bebês podem fazer uso na relação com seus parceiros de idade e com adultos de referência. Além disso, foi possível verificar a capacidade relacional das crianças e o quanto elas são socialmente competentes para estabelecer vínculos com o outro, com os recursos de que dispõem (Ramos, 2006; 2010).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no comportamento interativo observado, as crianças não participaram passivamente das atividades pedagógicas que lhes foram dirigidas. Elas também indicaram, através de seus recursos corporais, quais foram as atividades de que desejaram participar e rechaçaram aquelas das quais não gostaram, demonstrando seu protagonismo social desde bebês.

Visualizamos, a partir da pesquisa, os diferentes meios comunicativos utilizados pelos bebês durante o percurso investigativo, fato esse que nos ajudou a compreender a importância do educador como um adulto em quem a criança possa confiar e a quem se dirigir para construir relações sociais seguras.

Percebe-se, assim, que os bebês possuem uma potência comunicativa que precisa ser valorizada e estimulada no ambiente do berçário, já que a construção da linguagem se dá a partir do estímulo a essas primeiras iniciativas da criança, como apontar, tocar, olhar, estender os braços, chorar, sorrir, entre outros. Logo, “a produção de linguagem da criança apresenta-se como continuidade de algo que brotou antes, provocando ressonância nas produções posteriores, conectada no coletivo” (Guimarães, 2011, p. 179).

Diferentemente do que nos conta a história das infâncias, é necessário construir uma escola verdadeiramente capaz de acolher e respeitar a criança que ali se encontra. Além de defender a construção de uma escola de educação infantil que contemple as especificidades da criança dessa faixa etária, respeitando a indissociabilidade cuidar/educar. No entanto, essa mudança de concepção requer políticas públicas eficazes, formação de professores e gestores, parceria com as famílias e valorização do bebê enquanto sujeito ativo, participativo, autônomo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com bebês. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 10 jun. 2024.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, Maio/Ago. 2005. p. 351-360. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GdNZMSwhJTXwFJ3RhbfYjpJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 Jun. 2024.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Silva Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 141-157

ELMÔR, Larissa de Negreiros Ribeiro. **Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche**: um estudo de caso. Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Ribeirão Preto-SP, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação infantil**: Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **Investigando o desenvolvimento da linguagem no ambiente da creche: o que falam as crianças do berçário?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Criança pede respeito: temas em educação infantil. In: MARTINS FILHO, José (Org). [et al]. **“Você viu que ele já está ficando de gatinho? Educadoras de creches e desenvolvimento infantil”**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 27-62.

